



RELATO DE EXPERIÊNCIA COM UMA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jucyanne Aparecida Rolim de Oliveira ¹
Juliana Soares ²

RESUMO

Este artigo tem como finalidade proporcionar uma reflexão acerca das práticas inclusivas no Ensino Infantil, buscando compreender como acontece a socialização da criança autista no ambiente escolar. A pesquisa justifica-se por relatar experiências vividas com uma aluna com transtorno aspecto autista (TEA), as dificuldades enfrentadas no primeiro contato e os avanços da aprendizagem da aluna. A pesquisa é qualitativa de cunho bibliográfico, foi realizada em uma escola Particular na Cidade de Campina Grande. O aporte teórico que fundamenta nossa pesquisa é baseado a partir de estudiosos que tratam da inclusão: Vigotsky (1989), Mantoan (2003), Stainback (1999), Nunes (2008), dentre outros. Inicialmente, tecemos algumas considerações acerca da importância da educação inclusiva e abordamos, brevemente, os desafios pelos professores e cuidadores, dando ênfase as experiências vivenciadas nesta Instituição, especificamente na Educação Infantil. Em seguida, relatamos a rotina da criança autista na escola, e as metodologias utilizadas. Por fim, destacamos algumas estratégias educacionais inclusivas para crianças autistas, enfocando o papel do professor na efetivação da educação inclusiva.

Palavras-chave: Autismo, Relato de experiência, Inclusão escolar.

INTRODUÇÃO

O contexto educacional tem despertado significativamente sobre a importância da educação inclusiva, principalmente no que se refere a pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Questão essa de grande relevância que vem ganhando progressão mediante o aparecimento de novo casos de autismo.

Considerando este cenário educacional é pertinente discutir sobre a inclusão de alunos com autista (TEA), no âmbito escolar da Educação Infantil. Ainda, nos faz refletir sobre as influências do professor que vai recebê-lo, visto que ele estará em contato diário com o aluno, desse modo proporcionará a primeira convivência com o espaço escolar.

¹ Graduada do curso de Licenciatura em pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
E-mail: jucyaaneaprecida@gmail.com;

² Graduada do curso de Licenciatura em pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
E-mail: aju.js69@gmail.com





Incluir o aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no ambiente escolar ainda é encarado como um grande desafio, pois compreende-se para que haja inclusão na percepção plena da palavra seja fundamental refletir e descobrir concepções imbricadas no sistema educacional tradicional, (Mantoan, 2003), destaca que, “uma análise desse contexto escolar é importante se quisermos entender [...] a razão de se propor inclusão escolar, com urgência e determinação, como objetivo primordial dos sistemas educativos” (p. 27). Para além disso, é imprescindível ter um olhar crítico sobre a formação dos profissionais envolvidos, o currículo escolar que norteia o processo educacional da escola, a estrutura física adaptada, se está em conformidade com as leis implementadas, e principalmente a assistência da família, sendo figuras fundamentais para a inserção do aluno com TEA.

Por essas razões, entendemos a importância do envolvimento e do comprometimento da escola, dos docentes e principalmente do apoio dos pais para colaborar com o desenvolvimento do aluno.

Dessa forma escolhemos a temática em busca de mostrar a rotina escolar de uma criança autista na Educação Infantil, numa escola Privada de Campina Grande. Este artigo tem como objetivo geral: Relatar o processo de socialização de uma criança com o Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil na rede particular de ensino na cidade de Campina Grande-PB. Como objetivos específicos: Apontar as metodologias de ensino utilizadas na sala de aula que favoreceram o ensino-aprendizagem; Verificar como ocorre a socialização entre o aluno autista e as outras crianças no espaço escolar; Mostrar resultados do convívio do aluno autista com as crianças;

Ao longo do presente artigo mostraremos como a criança é incluída no espaço escolar, relatando os momentos de interação com as outras crianças.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, a partir de autores como Montoan (2003), Nunes (2008), Vygotsky (1989), STAINBACK (1999) entre outros.

A pesquisa foi realizada através de observação e acompanhamento da rotina da aluna com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar, deu-se por meio de um estudo de caso, foi desenvolvida em uma escola particular de Educação Infantil na cidade de Campina Grande- PB.





REFERENCIAL TEÓRICO

Os alunos com TEA tem direitos à serem matriculados em escolas, seja em redes de ensino públicos ou particulares, possa ter acesso as metodologias de ensino adequadas, e ainda dispor de um convívio agradável com outras pessoas e assim estabelecer uma rotina diária benéfica ao seu desenvolvimento. Sobre esses aspectos afirma Stainback:

Educando todos os alunos juntos, as pessoas com deficiências têm oportunidades de preparar-se para a vida na comunidade, os professores melhoram suas habilidades profissionais e a sociedade toma a decisão consciente de funcionar de acordo com o valor social da igualdade para todas as pessoas, com os consequentes resultados de melhoria da paz social. (STAINBACK; STAINBACK, 1999).

É importante salientar que a prática da inclusão escolar, segundo Montoan (2003), refere-se a competência de compreender o outro, e assim ter a oportunidade de relacionar-se e participar do convívio com outras crianças, é acolher sem nenhum tipo de rejeição. Dessa forma a inclusão escolar adentra o palco educacional com intenção de incluir alunos que possuem alguma deficiência, onde suas capacidades encontram-se prejudicadas, mas considerando que esses alunos tem o direito e podem desenvolver outras potencialidades.

Sabe-se que a inclusão escolar do aluno com TEA deve atender suas necessidades, e portanto deve ser adequada, para que oportunize uma aprendizagem considerável para sua vida.

Segundo Nunes (2008):

As crianças com autismo, regra geral, apresenta dificuldades em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas se obtiverem um programa intenso de aulas haverá mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e aprendizagem é um trabalho árduo precisa muita dedicação e paciência da família e também dos professores. É vital que pessoas afetadas pelo autismo tenham acesso a informação confiável sobre os métodos educacionais que possam resolver suas necessidades individuais. (NUNES, 2008, p. 4).

Segundo a perspectiva da autora, a escola e os professores desempenham um papel importante na educação da criança autista, deve pois promover capacidade de interagir e socializar, criando assim momentos com atividades adaptadas, nas quais todas as crianças estejam juntas.

A inclusão escolar de fato acontece quando o aluno com TEA é aceito pelas outras crianças e principalmente pela professora, que tem um papel essencial para a socialização e para o bem estar na sala de aula.





O processo de aprendizagem da criança com TEA, não ocorre de maneira momentânea, é um processo de longo prazo, por isso requer comprometimento, paciência e tranquilidade no momento de mediação.

É importante ressaltar as potencialidades do aluno, e não pôr em evidência suas limitações. O aluno com TEA deve ser estimulado a descobrir o mundo ao seu redor, e expor suas vontades e desejos. Os recursos que serão utilizados durante esse processo de aprendizagem tem um valor significativo, pois favorece o interesse do aluno. As atividades lúdicas oferecem grande interesse, mas apresentam certo desafios, e podem oferecer pouco tempo de concentração, logo devem ser atividades criativas para que desperte o desejo e as ações possam ser repetidas e aprendidas. O aluno autista requer uma atenção específica, para desenvolver alguns comportamentos e modificar outros (VIGOTSKY,1989).

Entende-se que o TEA é uma síndrome que afeta o comportamento e a socialização com outros indivíduos. É natural que as pessoas que demonstram dificuldades de se comunicar e socializar tenham muitas dificuldades em viver em grupo, do mesmo modo acontece com o sujeito com a síndrome do TEA, uma vez que esse é um dos principais aspectos que percebemos tanto no convívio social, quanto no espaço escolar.

Vale ressaltar que cada criança tem suas especificidades, ou seja, cada uma apresenta um comportamento diferente. O mundo da criança autista é diferente das outras crianças consideradas normais, pois ela organiza as coisas do modo que ela vê e imagina.

Segundo Bossa (2002), são sinais considerados do autismo, mediante o laudo médico, as crianças que tem inadaptação para estabelecer normas com o outro, apresentam um atraso na aquisição da linguagem e, quando a criança com autismo se desenvolve, essa capacidade lhe dar um valor de comunicações. Sabe-se que a criança autista apresenta grande dificuldade de interação social, comunicação e comportamento dificultando sua socialização na sociedade.

O termo autismo origina-se do grego *autós*, que significa “de si mesmos”. Foi empregado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço E. Bleuler, em 1911, que investigava o fato da pessoa com TEA fugir da realidade e ainda o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia.

Cunha (2015), afirma que o TEA se manifesta nos primeiros anos de vida, no entanto ainda não se sabe de fato quais as razões, mas alguns estudos indicam que há uma contribuição de fatores genéticos. Há alguns sintomas que podem ser percebidos na criança ajudando o reconhecimento do transtorno genéticos.





Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), são essas as atividades em que o cuidador escolar deverá atuar junto ao (s) educando (s):

Retrair-se e isolar-se das outras pessoas, não manter contato visual, resistir ao contato físico, resistência ao aprendizado, não demonstra medo diante do perigo real, não atende ao chamado, birras, não aceita mudança de rotina, usar pessoas para pegar objetos, hiperatividade física, agitação desordenada, calma excessiva, apego e manuseio não apropriado de objetos, movimentos circulares no corpo, sensibilidade a barulhos, estereotípias e ecolalias (CUNHA, 2015).

Neste sentido, observamos que a criança em análise apresenta um comportamento no espaço escolar de maneira variada, desenvolvendo-se de modos diferentes, verificamos que de acordo com as atividades que lhe eram oferecidas ela se manifestava conforme sua vontade.

Brentani (*et al*, 2013), considera que o TEA se refere a um grupo de transtornos caracterizados por um espectro compartilhado de prejuízos qualitativos na interação social, associados a comportamentos repetitivos e interesses restritos pronunciados.

Neste sentido, compreendemos que a criança em estudo apresenta algumas das características citadas acima, no entanto essas características não impediram seu desenvolvimento escolar, entendemos que a aluna tem suas especificidades, e consegue realizar atividades de acordo com suas habilidades.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: Uma criança autista na Educação Infantil

Foi acompanhada uma criança de 5 (cinco) anos, matriculada em uma escola na rede particular de ensino na cidade de Campina Grande -PB. Nos primeiros dias na escola, senti muita dificuldade em lidar com a mesma. Dessa forma, recebi orientações por meio do Núcleo de Intervenção Comportamental (NIC), à pedido da psicóloga e da família, para contribuir com o trabalho na escola.

A criança em estudo fora acompanhada à terapia com base em Análise do Comportamento Aplicada (ABA), após receber o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e deu início a intervenção intensiva em Agosto de 2018 após a avaliação.

Dentre os objetivos traçados para a terapia a partir da avaliação estão habilidades que são pré-requisitos para o desenvolvimento de habilidades sociais como o contato visual, além de habilidades de linguagem, como a ampliação de discriminação auditiva, seguimento de instrução e imitação oral, além de habilidades cognitivas.





A aluna possui acompanhamento individualizado em tempo integral na escola. Os principais objetivos para se trabalhar com a criança mediante suas necessidades são: A adaptação a rotina, habilidades sociais e fortalecimento das habilidades visuais grafomotoras.

Neste sentido, foi estabelecida uma rotina diária pela escola, na qual seguiam-se regras para que esse processo fosse válido e eficaz.

Mediante seu bom comportamento, a criança recebia itens, livros, objetos que lhe agradavam, entendendo como um reforço para aquelas ações. Conforme orientação recebida eu deveria apenas ajudá-la em alguns momentos necessários por modo físico e não por modo verbal.

Recebi orientação para que durante os momentos de socialização a aluna pudesse andar de mãos dadas com as outras crianças. O objetivo é que a aluna se sentisse cada vez mais aceita e pudesse estar sempre próxima aos demais colegas da sala e a sua professora.

As instruções para a criança deveria ser dada de maneira clara, direta, de modo que favorecesse sua compreensão. Para a realização das atividades a aluna tinha por instrução figuras representativas, esse processo ocorria todos os dias desde sua chegada à escola.

No momento do lanche, a aluna se mostrava muito independente, não evidenciava dificuldades de usar os talheres, apenas se necessário para abrir o pacote de biscoito, isso dependia do tipo do lanche do dia, no entanto a família já facilitava esse momento, uma vez que enviava algo que a mesma pudesse agir de maneira autônoma.

A aluna não se comunicava verbalmente, no entanto compreendia o que lhe fosse solicitado, apresentava uma boa socialização com toda a turma, chorava as vezes sem motivos e tentava fugir da sala.

A sala que ela frequentava não foi planejada para receber crianças com necessidades especiais, as janelas eram muito altas, e o espaço não favorecia no momento da recreação sendo necessário indispensável a companhia da Acompanhante Terapêutica (AT) da instituição.

Por ser uma aluna com espectro do autismo, possui sua atenção comprometida, no entanto a mesma consegue desenvolver as atividades que precisa de concentração, exceto quando há intervenções da professora ou acompanhante. A aluna demonstrava tranquilidade, conseguia manter-se um tempo calma, estabeleceu vínculos afetivos com colegas de sala, porém apresentava frustrações quando era pressionada à desenvolver algo, ficando irritada com certa facilidade.

Para aprimorar a autonomia da aluna, a supervisora da equipe do Núcleo de Intervenção Comportamental (NIC), distribuía peças de quebra-cabeças, e junto com as outras crianças a aluna conseguia fazer os encaixes, não sentia nenhuma dificuldade.





Durante os momentos de desenvolvimento das atividades na coletividade, se a aluna autista não conseguisse desenvolver a atividade, era encaminhada com a AT para uma outra sala de apoio, recebendo a ajuda necessária, e se possível a professora também se disponibilizava em orientar a atividade nesta sala.

Inicialmente a aluna autista sentia necessidade da ajuda física em momentos de lavar as mãos, abrir a lancheira, arrumar o lanche na mesa, e utilizar os talheres. À medida que esses aspectos iam se repetindo a criança ganhava sua autonomia, e em poucos meses não necessitava tanto dessa ajuda. Considerando que as intervenções eram necessárias para essa compreensão diária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse artigo trata-se de um relato de experiências a partir do acompanhamento de uma aluna de 5 anos com Transtorno do Aspecto Autista (TEA), que estuda na Educação Infantil. Essa foi minha primeira experiência como estagiária em uma escola. Passei a ser AT da aluna, ajudando e acompanhando nas atividades curriculares da escola buscando e dedicando-me para que a mesma compreendesse e desenvolvesse a aprendizagem, e auxiliando para seu bom convívio com as outras crianças no ambiente escolar.

Foi necessário duas semanas para que a criança pudesse se acostumar a ter uma nova estagiária ao seu lado, pois sua antiga teve que sair, deixando a criança um pouco agitada, uma vez que a mesma estava acostumada com antiga estagiária, de certa maneira deixou-a isolada dos demais

No início recebi instruções da professora e da supervisora da escola, de como lidar com a criança. Tive orientações das professoras, acerca das atividades a serem desenvolvidas com a aluna e da psicóloga em relação aos comportamentos da criança, dando orientações de como agir em determinadas situações, pois a aluna tinha algumas crises em relação ao barulho, e em outras situações por exemplo, ela também chorava para não realizar algumas atividades escolares, sendo assim por não saber como agir nessas horas, fui buscando conhecimento em alguns dos autores aqui citados, estudando sobre transtorno de TEA e como resolver determinadas situações com a própria criança, para conseguir superar essas dificuldades, buscando soluções para os problemas e poder ajudar a criança da melhor forma possível e também conseguir inclui-la no meio social da escola.





Todas as quintas-feiras recebíamos a visita da psicóloga para informar sobre os comportamentos da aluna e o que estávamos utilizando para seu desenvolvimento, em busca de soluções em algumas situações, bem como a psicóloga trazia métodos para nos ajudar durante o processo de crescimento da criança. Depois que identifiquei o que a aluna gostava percebi que foi facilitando meu trabalho, descobri uma metodologia que facilitou o interesse da aluna pelas atividades que era uso da pintura, e cobrir seu nome. As atividades eram adaptadas conforme o projeto trabalhado na sala de aula, sempre lembrando que se não cumprisse o combinado não iria brincar com a massinha, algo que era de seu agrado.

Em relação ao barulho da sala de aula as vezes a aluna começava a gritar, a professora compreendia que o barulho deixava a criança agitada, dessa maneira era necessário que ela saísse um pouco, considerando que a mesma passava a maioria do tempo em sala de aula. Nas aulas de dança, tentei despertar seu interesse, partindo do alongamento, mas não tinha tanto êxito, no entanto ela sempre estava presente. Em relação as atividades desenvolvidas na sala, para a aluna eu seguia o plano da professora, percebi que a maioria foi bem participativa, eu também trazia outras atividades para observar o seu desenvolvimento. Observei que no momento de utilizar os lápis, ela adorava utilizar os lápis de hidro cor, lápis de cera, para isso, como estratégia, deixava exposto na mesa para que a mesma ficasse a vontade para escolher. As atividades eram voltadas para seu raciocínio lógico, bem como para desenvolver seu cognitivo. A criança demonstrava muita habilidade no momento que lhe era oferecido a atividade LEGO, e a montagem com blocos. Observando o ambiente da sala, a aluna sempre sentava na mesma mesinha, considerando que essas mesinhas são adaptáveis para as idades das crianças.

Na sala de aula a criança se socializava bem com as outras crianças, as mesmas não tinham nenhum tipo de receio de estar em contato com a aluna, e eu buscava sempre integrar as brincadeiras coletivas, estimulando o convívio entre eles. No pátio da escola ela sempre estava presente nas atividades, e as crianças gostavam de brincar e trocar objetos entre si, ajudando-a e colaborando com o seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da experiência com uma criança autista, senti algumas dificuldades pois não tinha certo conhecimento sobre a TEA, mas com o convívio com a criança diariamente foi facilitando a minha compreensão de como lidar e trabalhar com ela. Dessa forma, foi ficando fácil solucionar as dificuldades e encontrar soluções para a aluna aprender, e socializar com as





outras. A aluna me proporcionou muita aprendizagem, pois foi por meio de suas atitudes que desenvolvi também minha paciência, mostrando-me que tudo é possível, com carinho ao que se faz e com respeito ao outro.

A convivência com a aluna foi encantadora, pois foi a partir deste primeiro contato com a criança com TEA que despertei para aprofundar meus estudos, compreendendo seus comportamentos e respeitando suas limitações. Trabalhar com a aluna propiciou um grande aprendizado, pois entendi que os alunos com necessidades educacionais especiais necessitam de um cuidado especial e um recurso favorável que der suporte para que os autistas se desenvolvem de uma maneira satisfatória.

Portanto, acompanhar uma aluna com TEA foi uma experiência muito gratificante para mim pois consegui desenvolver um bom trabalho com a mesma e a partir da minha vivência com ela posso afirmar, que todas as pessoas devem ter essa oportunidade de trabalhar com crianças com autismo, pois elas só necessitam de um pouco de atenção e alguns recursos que deem a elas mais autonomia.

REFERÊNCIAS

BRASIL Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Diário Oficial, nº 248, de 23/12/1996.

Bosa, C. A. (2002). Autismo: Atuais interpretações para antigas observações. In C. R. Baptista, & C. Bosa, (Eds.), **Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed.

Brentani, H., Paula, C. S. de, Bordini, D., Rolim, D., Sato, F., Portolese, J., ... McCracken, J. T. (2013). **Autism spectrum disorders: an overview on diagnosis and treatment**. Revista Brasileira de Psiquiatria, 35(supl. 1), S62-S72. doi:10.1590/1516-4446-2013-S104.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educacionais na escola e na família** / Eugênio Cunha. - 6 ed.-Rio de Janeiro: Wak Ed. 2015.

NUNES, Daniella Carla S. **O pedagogo na educação da criança autista**. Disponível em:<<http://www.webartigos.com/articles/4113/1/O-pedagogo-Na-Educação-DaCriança-Autista/pagina1.html>. Acesso em: 06 de abril de 2021.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Porque? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003, p. 27)

STAINBACK, Susan & STAINBACK, Willian. **Inclusão – Um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes médicas, 1999.





VIGOTSKY, L. *Fundamentos de defectología*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

